

As memórias de Eduardo Campos e a sua atuação no rádio cearense

Jackson de Moura Oliveira¹

Eroltide Honório Silva²

Resumo

Eduardo Campos foi um importante nome da cultura e da comunicação cearenses. Foi radialista, escritor, teatrólogo, diretor de jornais nas décadas de 1960 e 1970 e um dos responsáveis pela chegada da televisão Fortaleza. O trabalho de Eduardo Campos será analisado neste artigo nas fases do desenvolvimento, consolidação, declínio e renovação do rádio no Ceará. Esse registro está permeado pelas memórias do radialista, colhidas em entrevistas realizadas em 1993, 2000 e 2005 e complementado por informações colhidas em jornais. A metodologia do trabalho é a história oral de vida, que permite o resgate das experiências individuais e coletivas sobre fatos sociais não registrados na história oficial.

Palavras-chaves: Memória. Eduardo Campos. Rádio. Ceará Rádio Clube.

A radiodifusão no Ceará

A radiodifusão cearense começou com o empresário João Dummar e seus “seguidores” com o objetivo de “instalar uma estação emissora de ondas longas, devidamente autorizada pelo governo federal, com a produção de programas de rádio e de atrações artísticas, além da irradiação de notícias locais e nacionais” (DUMMAR FILHO, 2004, p.30). Campos (1984) acrescenta que a intenção era também “promover relações entre os amadores de radiotelefonia por meio de reuniões, irradiações e serviço de publicidade” (p.7). Dummar liderava desde 1928 uma sociedade com o irmão na Casa Dummar & Cia, que vendia a mais moderna tecnologia para a época, produtos importados da Europa e Estados Unidos. Com argúcia de empresário, Dummar percebia o potencial do rádio, daí ter sido o articulador de um novo grupo na capital para, enfim, fundar a primeira emissora radiofônica cearense. Em 16 de agosto de 1932, o Ceará Rádio Clube obteve a licença, a título experimental, para funcionar uma estação de rádio com o prefixo PRATT, munido de um transmissor de 500 watts de

¹ Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 2009.1. E-mail: jacksondemoura@hotmail.com

² Coordenadora da pesquisa História e Memória da Radiodifusão Cearense. E-mail: eroh@unifor.br

potência. Trinta de maio de 1934 é considerada como a data oficial de abertura da Ceará Rádio Clube, de acordo com licença expedida pelo Departamento dos Correios e Telégrafos.

A matéria de comemoração aos 23 anos da Ceará Rádio Clube publicada no jornal O Unitário apresenta um pouco da história da sua história.

(João Dummar) convidava intelectuais e artistas para representarem programas pelo microfone da amplificadora, diretamente do corêto da Praça do Ferreira... O escritor Leonardo Mota, com suas curiosidades folclóricas, foi a atração dessas noitadas, recitando modas sertanejas, contando o anedotário vivo que ele colhia nos sertões nordestinos. Leota foi assim, para surpresa de quantos nos lêem, um precursor do radialismo em Fortaleza. Havia ainda naqueles idos o 'Bando da Noite', conjunto regional, que agradava muito e do qual fazia parte o violinista José Rodrigues (UNITÁRIO, 13 de outubro de 1957).

Ferraretto (2001) afirma que o rádio surgiu como espetáculo massivo na década de 1930 e se desenvolveu pelo impulso da regulamentação da publicidade, em 1932, passando a ser reconhecido pela indústria e o comércio como um veículo que atingia amplamente a população, inclusive aos analfabetos. Nessa época também já havia emissoras de rádio na Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. No Ceará, a sede da Ceará Rádio Clube situava-se à rua Barão do Rio Branco e o transmissor operava na Avenida João Pessoa, no bairro Damas.

(O estúdio) era apenas uma mesa com o microfone e o prato de rodar discos. O locutor tinha ao mesmo tempo a função de técnico. Ele tinha o título de gravação e a fazia girar... E vez por outra, dando o melhor de sua entonação, ele dizia ao microfone – 'Aqui fala a PRE-9 – Ceará Rádio Clube, da Confederação Brasileira de Radio-difusão'. Nem o próprio Limaverde sabe explicar o que é essa tal Confederação Brasileira de Radio-Difusão... (UNITÁRIO, 13 de outubro de 1957).

Em julho de 1936, a Ceará Rádio Clube promoveu o primeiro concurso de locutores. A programação era de apenas quatro horas diárias, entre o meio-dia e meia e treze e trinta e das dezoito às vinte uma horas. A importância do rádio se revela pelo cuidado de seus idealizadores em selecionar candidatos com perfil muito especial para o novo meio, foram nove candidatos, avaliados por uma banca composta pelo próprio Dummar, o escritor Eusébio de Souza e o jornalista Perboyre e Silva. Os promotores dos concursos desejavam descobrir



talentos locais, para capacitá-los, seja, por cursos fora do Estado, seja, no dia a dia do desenvolvimento da atividade radiofônica.

“Me batizaram naquela hora: Manuelito Eduardo!”

Em 1942, Eduardo Campos, fez sua primeira tentativa de se tornar um *speaker*, como eram chamados os locutores de rádio na época. Nesse período, o destaque da programação era *A Hora do Calouro*, que oferecia prêmio em dinheiro para o melhor candidato selecionado pela comissão julgadora. Os principais locutores da emissora eram José Limaverde, com o programa *Coisas que o Tempo Não Levou*, Raimundo Menezes e Paulo Cabral de Araújo. Conta Eduardo Campos que para ser *speaker* da PRE-9 não bastava apenas portar uma bela voz e uma boa dicção:

Do que constava o concurso? Na parte que me toca, o que eu lembro era o seguinte: Era a leitura de um texto, depois você tinha que improvisar, tirar um tema de uma papeletazinha. Veja lá: Praça do Ferreira, a felicidade, o amor, um muro... e você tinha que durante cinco minutos falar sobre isso. E depois pequenos textos que eram títulos de discos em inglês, em francês e em espanhol. Bom, no ano em que eu fiz o concurso a prova foi ler o Euclides da Cunha, Os Sertões. Foi uma estupidez, uma leitura árida, uma leitura difícil até para o sujeito fazer em gabinete quanto mais em prova, num teste de leitura. Não era próprio. E mesmo porque o Português era antigo, ainda aquele que chamo de PH de farmácia. As edições naquele tempo ainda eram assim, não eram atualizadas e eram difíceis. Eu, graças a Deus, me saí bem, não dei um erro. Não dei um erro porque eu também era esperto. Quando eu não sabia as palavras corretamente, eu passava por cima e fazia a coisa. E assim foi um doce de côco! (CAMPOS, 2005, entrevista).

Eduardo Campos classificou-se com José Dário Soares e ambos passaram por um período de experiência por trinta dias. A diretoria da emissora decidiria, assim, quem deveria ocupar a vaga.

Eu alcancei a Ceará Rádio Clube funcionando na antiga sede do Ideal Clube, que era na Avenida João Pessoa. Então, eu passei um mês falando dessa sede até o momento em que eu, em 1942, com a modificação, com a saída dos estúdios de lá – que passaram a funcionar no Edifício Diogo, no oitavo e nono andares do Edifício Diogo (CAMPOS, entrevista s/d).

Eduardo Campos não ficou com a vaga, havia uma divergência quanto a sua posição política. Na verdade, tratava-se de um equívoco:



Dermival Costalima foi o homem que não me quis na Ceará Rádio Clube. Esse é um episódio bem pessoal, mas é bom contar. Ele achava que eu era fascista, por que eu sou Manuel Eduardo Pinheiro Campos e esse Eduardo não é meu nome, não é pré-nome, o Eduardo aí é família. E os meus primos da família Eduardo eram todos integralistas, e ele achava por eu ser primo deles, o Eduardo Benevides, Joaquim Eduardo Benevides, que foi preso e tal, ele achava que eu também era. Mas a rigor, nem eu era integralista, nunca fui, também nunca fui fascista, assim como nunca fui comunista e o meu primo direto, Arthur Eduardo Benevides, que foi presidente durante muito tempo da Academia Cearense de Letras, ele também como eu, nunca participou de movimento integralista nem nada. Então, eu fui injustamente... e ele, a pretexto, disse a João Dummar, que me disse pessoalmente: ‘Não, você não está entrando, não vai ficar porque não tem voz!’ (CAMPOS, s/d, entrevista).

Contratado por Dummar no período de transição para ondas curtas, Dermival Costalima foi diretor-artístico da Ceará Rádio Clube e importante para a padronização da produção radiofônica local a partir da implantação do *script*, o que demonstra que Costalima não era rígido apenas com a organização, mas avesso à improvisação no veículo. Dirigiu a emissora até 16 de março de 1942 para assumir a Rádio Tupi do Rio de Janeiro³. “Costalima deu forma ao rádio cearense. É a ele, sem dúvida, que devemos grande parte da nossa evolução artística, no campo da radiodifusão” (O UNITÁRIO, 20 de outubro de 1957). Eduardo Campos só veio a se tornar *speaker* em 1944, por meio de um outro concurso, porém, desta vez não foi para locutor. O concurso era patrocinado por uma livraria chamada Aequitas e premiava o vencedor com livros, não com uma vaga para locução. “Houve uma coincidência. Em 11 de janeiro, os Diários Associados assumiram a direção da Ceará Rádio Clube, que é o dia do meu aniversário” (CAMPOS, 2005, entrevista). Portanto, Eduardo Campos não voltaria à emissora para ser readmitido por João Dummar, mas para compor o *staff* do conglomerado de comunicação que naquela época crescia pela aquisição sistemática dos veículos de comunicação em cada região do país pelo empresário Assis Chateaubriand. A empresa Diários Associados atingiu um desenvolvimento que contemplava “33 jornais, 25

³Paulo Cabral de Araújo assumiu a Ceará Rádio Clube após a saída de Dermival Costalima. Vindo de Pacatuba para atuar no rádio assim como os irmãos e *speakers* José Cabral de Araújo e Luzanira Cabral, tornou-se *speaker* em 1939, dirigiu a PRE-9 e atuou em radioteatros da emissora, destacando-se, por conseguinte, como galã. A popularidade no rádio o fez prefeito de Fortaleza, em 1950, aos 28 anos. Também dirigiu os Diários Associados, mas deixou o conglomerado por uns tempos por conta da política. Foi proprietário da Rádio Verdes Mares antes de vendê-la para o industrial Edson Queiroz. Na ocasião como diretor da emissora, o jornal O Povo classificava-o como “inteligente, dinâmico e dono de uma preciosa sensibilidade artística” (O POVO, 10 de março de 1942).



emissoras de rádio, 22 estações de TV, uma editora, 28 revistas, duas agências de notícias, três empresas de serviço, uma de representação, uma agência de publicidade, duas fazendas, três gráficas e duas gravadoras de disco” (FERRARETTO, 2001, p. 131). Na época que a Ceará Rádio Clube foi comprada, os jornais locais Correio do Ceará e O Unitário já pertenciam ao conglomerado. Nessa época, Eduardo Campos já havia integrado o Teatro-Escola Renato Viana, no bairro São Gerardo, ao lado do primo e poeta Artur Eduardo Benevides. Além disso, no mesmo período, por volta do final de setembro de 1944, houve o concurso de reportagens promovido pelo jornal Correio do Ceará, que ele ganhou com o melhor trabalho e o prêmio foi entregue no Edifício Diogo.

Abiscoitei na mesma semana os dois prêmios, o prêmio do jornal e prêmio da Ceará Rádio Clube. E foram me entregar o prêmio. Lá na entrega estava o Dr. João de Medeiros Calmon e o Antônio Maria de Araújo que na época já era diretor, com quem fiz uma das maiores amizades da minha vida (CAMPOS, 2005, entrevista).

A passagem de Antônio Maria de Araújo de Moraes pela direção da Ceará Rádio Clube também marcou a emissora, principalmente pelo fato de, assim como César Ladeira e Dermival Costalima, ser um renome nacional do rádio. Foi ele quem compôs a canção Noite do Meu Bem, interpretada pela cantora Dolores do Duran. O concurso que divulgava a livraria Aequitas proporcionou a Eduardo Campos a carreira de *speaker* da Ceará Rádio Clube.

Aquela festa me despertou um instinto, uma precaução da minha parte. ‘Rapaz, eu vou levar o original, pode ser que lá se interessem de ver e eu mostro!’ Acabada a festa, que não houve festa [...] o pessoal saiu e eu fiquei conversando com o Antônio Maria. O Antônio Maria disse: ‘Vamos lá pra cima acabar a nossa conversa’. [...] Aí ele: ‘Como é, tal... como foi esse seu trabalho?’ E eu respondi: ‘Rapaz, esse trabalho eu trouxe...’ está até aqui comigo’. Ele falou: ‘Posso ler?’ Eu respondi: ‘Eu gostaria de mostrar minhas qualidades se fosse o caso. Gostaria de ler um trecho, até pra você ouvir a minha voz, eu já tive uma passagem por aqui...’ Ele disse: ‘Pois leia!’ - ‘Aí eu abri...’ O papel era aquele papel almaço que se comprava em bodega, papel pautado para fazer prova, era assim na Faculdade de Direito. Eu estava lendo assim aberto, aquelas páginas são grandes, é um pouco maior do que uma A4 de hoje. E vi aquela mão gorda baixar assim sobre o papel. E eu imaginei: ‘Vixe, rapaz... lasquei-me agora! (risos) Ele não gostou nada...’ Ele baixou a mão e disse: ‘Você quer vir trabalhar aqui conosco? Eu disse: ‘Quero!’ - ‘Então, a partir de amanhã você esteja aqui às nove horas para trabalhar’. Foi assim que eu reingressei no rádio para nunca mais sair. Me batizaram naquela hora; Manuelito Eduardo! Quem me batizou foi o Paulo Cabral (CAMPOS, 2005, entrevista).



O *speaker*, o redator e o gestor de rádio

Eduardo Campos no dia seguinte já falava ao microfone da PRE-9. “O seu primeiro ordenado foi de quatrocentos e cinquenta cruzeiros” (CORREIO DO CEARÁ, 28 de janeiro de 1950). O fato de ser do *cast* de uma emissora dos Diários Associados facilitava um estágio em emissoras de outros estados:

Eduardo Campos ou Manuelito Eduardo fez estágio ao microfone da Rádio Tupy, escrevendo alguns programas, especialmente o ‘Script’ de estréia dos Vocalistas Tropicais naquela famosa emissora do Rio. Atuou ao microfone da Rádio Borborema (em Campina Grande, Paraíba), escrevendo programas especiais de suas festas inaugurais. E escreveu para o Rádio Jornal do Comércio o programa ‘Cosmorama’ (CORREIO DO CEARÁ, 28 de janeiro de 1950).

Eduardo Campos afirma que o sucesso veio de imediato: “[...] com noventa dias eu ganhei um aumento no meu salário” (CAMPOS, 2005, entrevista). Na PRE-9, o seu primeiro trabalho foi como radioator: “Eu já era radioator, já passava a contracenar e fazia uma pontinha em ‘Fidalgos da Casa Mourisca’ com Paulo Cabral, [...] Passada essa época, o Paulo Cabral deslumbrou e o Antonio Maria viu que eu escrevia, então, passei a fazer programas” (CAMPOS, 1993, entrevista). Em 1945, Eduardo Campos atuou na radionovela *Não Julgueis*, de Amaral Gurgel, que também era radioator e locutor da Rádio Nacional. Era a sua fase de galã no rádio. No mesmo ano, Eduardo atuou em outra radionovela, um dos maiores sucessos de então, *Rosa de Sangue*; o jornal Correio do Ceará anunciava: “Teremos hoje, no horário de costume, mais um capítulo de Rosa de Sangue, a empolgante novela francesa” (7 de agosto de 1945).

Augusto Borges, radialista e amigo de Eduardo Campos, relembra esse tempo de radioteatro: “O Manuelito era galã. A rádio tinha três galãs na época: Manuelito Eduardo, João Ramos e Mozart Marinho” (BORGES, 6 de março de 2009). O trabalho em teatro certamente o motivou a escrever radionovelas. *Penumbra*, da Rádio Nacional e escrita por Amaral Gurgel, serviu de inspiração para ele escrever *Sombras do Mal*. A Eduardo Campos também cabe o mérito de ter escrito a primeira radionovela cearense, *Aos Pés do Tirano* (CAMPOS, 1984).

Aos Pés do Tirano, que tinha um personagem, Jasson, e eu fazia esse personagem. Essa novela agradou tanto que hoje tenho testemunhos na liderança de Fortaleza. O Zé dias Macedo, um grande nome do Ceará industrial, do Nordeste, ouvia a Ceará



Rádio Clube e acompanhava a novela e gostava da minha interpretação (CAMPOS, 1993, entrevista).

A edição do Correio do Ceará confirma o sucesso lembrado por Eduardo Campos: “Aos Pés do Tirano, novela que no mês de agosto de 1949 foi o trabalho em seu gênero mais citado numa pesquisa levada a efeito em nossa cidade pela revista ‘Publicidade e Negócios’” (CORREIO DO CEARÁ, 28 de janeiro de 1950). As radionovelas surgiram em substituição aos radioteatros, a diferença é que os radioteatros iam ao ar em única apresentação e as novelas radiofônicas eram apresentadas em sequência, com um número de capítulos definidos. Na Ceará Rádio Clube, as radionovelas eram, em maioria, produzidas por outras emissoras, principalmente, do sudeste. Os direitos autorais, por conseguinte, eram um verdadeiro negócio:

Uma novela era, realmente, de oitenta, cem, duzentos capítulos. Naquele tempo já tinha esperteza. As novelas já duravam muito, talvez nem tanto, mas uns cento e poucos capítulos. Duravam uns três a quatro meses, certo? Então, acontece que eles ganhavam muito dinheiro; [...] você não pagava o direito só pela apresentação da novela, mas por cada capítulo da novela, por cada espetáculo da novela (CAMPOS, 1991, entrevista).

Os altos custos da produção de uma radionovela motivavam as emissoras a comprar o texto e exibir as gravações, que eram produzidas por agências de publicidade no Rio de Janeiro e em São Paulo (Calabre, 2002). No entanto, devido aos riscos de danos dos discos, “outra estratégia utilizada pelos patrocinadores era a da reencenação dos textos por diversas emissoras, em diferentes regiões do país” (Eduardo (1984), p. 37), o que acontecia na Ceará Rádio Clube. As radionovelas nos anos 1940, junto aos programas de auditório e os humorísticos, representam a fase de ouro do veículo no Sudeste, período que se encerrou em 1955. A principal causa do fim dos tempos áureos foi o advento da televisão (FERRARETTO, 2001). No Ceará isso não ocorreu por dois motivos: a primeira emissora de televisão do estado, a TV Ceará, só foi inaugurada em 1960 e o rádio ainda estava em plena expansão e desenvolvimento. Eduardo Campos assumiu a direção artística em 1946 após Paulo Cabral passar a ser o diretor geral da PRE-9, no mesmo ano, a emissora inaugurou um transmissor de 10 *quillowatts*, que ampliava em cinco vezes a potência em onda média. Em 1949, a emissora dividiu o elenco de radionovelas tendo como diretor artístico, Eduardo

Campos, e Paulo Cabral diretor da emissora. “Eram duas equipes de radioteatro, uma sob o comando do Manuelito, outra sob o comando do João Ramos” Na ocasião da mudança o Correio do Ceará informava: “Dois elencos radiatrais na Ceará Rádio Clube para melhor satisfazer o ouvinte” (CORREIO DO CEARÁ, 18 de julho de 1949).

Eduardo Campos destacou-se na emissora e cativou a audiência nos programas de auditório que produzia e apresentava:

O que interessa realmente é que nessa fase eu escrevi dois programas, que eu reputo importantíssimos. [...] Eu escrevi ‘Paisagem Sertaneja’, um programa que não tinha grandes ambições, mas aproveitava o nosso próprio regional e nesse regional tinha pessoas que faziam solo e participavam, ativamente. E eu dei mais um avanço na técnica do programa com mais de 30 cantadores do Ceará, se transformou num programa de auditório, era feito num mini-auditório do Edifício Diogo, e o Paulo Cabral teve uma inventiva para atrair os comerciários que iam assistir uma sessão passatempo [...] Então, aqueles comerciários que ficavam no centro da cidade não tinham para onde ir e depois que almoçavam, comiam seu sanduíche, iam participar desse programa interessantíssimo de perguntas e respostas (CAMPOS, 1993, entrevista).

A proposta do programa *Paisagem Sertaneja* conforme a cobertura nos jornais, era ousada por trazer a cultura popular nordestina, para o mesmo palco da cultura erudita ainda presente na programação radiofônica da época: “O programa localizará aspectos interessantes do nosso folclore e sertão nordestino, contando com a cooperação do ‘cast’ de radioteatro da PRE-9 (CORREIO DO CEARÁ, 26 de junho de 1950). Eduardo conta que foi a partir desse programa que começou a se inclinar para o folclore. Como escritor, dentre outros estudos sobre folclore, escreveu o livro *Cantador, Musa e Viola* que lembra o formato do programa *Paisagem Sertaneja*. Outra produção de Eduardo Campos foi *As Bailarinas Divertem o Rei*, do qual ele se orgulha:

As Bailarinas Divertem o Rei era um programa eclético. Eu sempre gostei de títulos bonitos e esse título, talvez o título fosse mais bonito que o programa. Mas, realmente, As Bailarinas Divertem o Rei era bonito de anunciar, não é mesmo? E eram umas bailarinas que se juntavam para dançar e contar histórias para o rei. O rei era o próprio rádioouvinte, a audiência como se fosse a história das 1001 noites, a mesma coisa. Isso fez muito sucesso nessa época (CAMPOS, s/d, entrevista).

Em 1945, Eduardo Campos escrevia o programa *A Semana em Revista*, programa sobre os principais acontecimentos da semana (CORREIO DO CEARÁ, 28 de janeiro de

1945). No entanto, foi *Divertimentos em Sequência* o que alcançou maior destaque na programação da Ceará Rádio Clube, realizado aos sábados no Theatro José de Alencar, a partir de 3 de agosto de 1947. A localização do Teatro e o espaço davam ao programa uma aura de grande acontecimento, fidelizando um público presente de 700 pessoas. O programa foi idealizado por Eduardo Campos, João Calmon, Paulo Cabral e o chefe do Departamento de Publicidade da Ceará Rádio Clube, Virgílio Machado. Além de Eduardo, dirigiam o programa João Ramos e Paulo Cabral. Os jornais locais davam cobertura no sentido de ampliar a audiência da emissora.

A direção da Ceará Rádio Clube vai lançar, amanhã, a partir das 11 horas, 'Divertimentos em Sequência, um programa que se divide em várias fases, ora no estúdio, ora no auditório. O que vale dizer é que será um *broadcast* bastante movimentado e que agradará integralmente ao público ouvinte e ao público espectador que estará, amanhã, enchendo o oitavo andar do Edifício Diogo. [...] O brilhante locutor e organizador de programas de PRE-9, Manuelito Eduardo, será o animador dos vesperais de sábado, o que é outro indício de sucesso para 'Divertimentos em Sequência' (CORREIO DO CEARÁ, 2 de agosto de 1947).

A atuação de Eduardo Campos diante do microfone tornou-o nos anos de 1940 um olimpiano do rádio cearense. Segundo Morin (1981), os “olimpianos estão presentes em todos os ambientes da cultura de massa. Heróis do imaginário cinematográfico, presentes nos pontos de contato entre a cultura de massa e o público: entrevistas, festas de caridade, exposições publicitárias, programas televisados ou radiofônicos (p.108). Segundo Andrade e Silva (2006), a “popularidade do rádio era mensurada pelas idas às emissoras, pelo envio de cartas, pelo uso de telefonemas, pelo reconhecimento de fãs nas ruas” (p.8). Relaciona-se ao que diz Morin (1981) sobre os olimpianos que mesmo tornando-se um mito no imaginário do público eles são parte do cotidiano. Observando as coberturas feitas pelos jornais da época constata-se a importância da atividade no rádio, e o desejo acalentado por muitas pessoas de se tornar um *speaker*, como Eduardo Campos. “A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olimpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação” (MORIN, 1981, p. 107). A sentença de Morin (1981) é próxima ao que a revista Folha do Rádio, fundada no Ceará em 1953, fazia com os principais destaques do rádio cearense. Eduardo Campos, por exemplo, foi entrevistado para a sessão *Repórter Indiscreto*, que indagava sobre o cotidiano dos

entrevistados, sem, entretanto, adentrar nas particularidades - apesar do nome da sessão, as perguntas eram discretas. Na década de 1940 perguntas relacionadas a sentimentos, emoções e sexualidade eram vetadas socialmente, eram normas intuídas e respeitadas pelos repórteres, embora a espetacularização da cultura de massa já permeasse o universo dos meios de comunicação, jornal, revista e rádio. Olimpiano então, Eduardo Campos confessa que sofrera preconceito por atuar em rádio até de um colega do grupo Clã, corrente literária que implantou o pós-modernismo no Ceará e que ele integrou. Sua permanência no veículo no final dos anos 1940 e décadas de 1950 e 1960 era conciliada com a carreira de escritor e teatrólogo.

Então, os meus colegas, como o Braga Montenegro, que era crítico, falava que eu não me cuidava, que era desmerecente a minha atividade no rádio, que eu deveria me aplicar no conto e abandoná-lo. Confesso que me deixei vencer por isso e depois recusei o catálogo das minhas obras, que se hoje estivessem aí estariam me dando um contentamento grande, um documento para mostrar para as pessoas que era regional (CAMPOS, 1993, entrevista).

Carvalho (1979) afirma que aos poucos os intelectuais deixavam de enxergar o rádio apenas como entretenimento das classes populares:

Ouvir rádio... frase terrível: os intelectuais reagiam diante disso. Ouvir rádio era, na Argentina, dançar o tango condenado pela alta sociedade. Mas o poeta Manuel Bandeira, dos mais festejados de então, prestou entrevista banal e, entre o que gostava de fazer, veio a tal história de ouvir rádio. E outros intelectuais que ouviam a mesma coisa, levemente, passaram a admitir que também o faziam e, assim, homens do rádio vieram a ser admitidos também como intelectuais. (p.23).

Quatorze anos após sua inauguração, a Ceará Rádio Clube deixou de ser a única emissora cearense. Os Diários Associados no Ceará, já se precavendo sobre a concorrência, reestruturou a emissora, que passou a funcionar em dois andares do Edifício Pajeú, com um auditório com capacidade para 500 pessoas. O Correio do Ceará informava: “O auditório, os estúdios e a sala de controle ocuparão todo o primeiro pavimento. No segundo andar, serão instaladas a direção, a gerência, a discoteca, a redação, a direção de programas e contabilidade, em amplas salas” (CORREIO DO CEARÁ, 26 de abril de 1949). A Rádio Iracema entrou no ar em 9 de outubro de 1948 sob o prefixo ZYR-7:



Com o advento da Rádio Iracema ocorreu a concorrência e ambas tinham que disputar os ouvintes, numa luta renhida em que a emissora mais velha levava vantagem, pois contava com nomes famosos como Paulo Cabral, José Limaverde, João Ramos, Eduardo Campos, Aderson Braz e tantos outros. A nova emissora, no entanto, tinha ares de atrevimento, iria brigar com o Governo do Estado, fazer desafios, transmitir comícios cujos conceitos eram extremados sobre seus participantes (CARVALHO, 1979, p. 24).

Eduardo Campos vivenciou as diversas fases do rádio cearense. Na década de 1940 ao assumir a direção artística houve a mudança do radioteatro para a radionovela e, em 1950, quando Paulo Cabral foi eleito prefeito de Fortaleza tornou-se presidente da emissora tendo que driblar a concorrência. Quem o nomeou foi o diretor das empresas dos Diários Associados do Ceará (Correio do Ceará, O Unitário e Ceará Rádio Clube) João de Medeiros Calmon:

O Dr. João Calmon me chamou e disse: ‘Olhe, eu não estou pensando em ninguém de fora, não. Tô pensando em aproveitar você e o Rômulo (Siqueira) como gerente. Vocês tem trinta dias, se vocês conservaram o faturamento você ficam’. Com trinta dias, sem muito esforço, nós aumentávamos o faturamento. Era naquele tempo 230 mil cruzeiros e nós faturamos um pouco mais de 240 mil e ele disse: ‘Vocês estão efetivados’ (CAMPOS, 2005, entrevista).

Nesse período o rádio em Fortaleza estava no seu apogeu. Calabre (2002) contextualiza essa época levando em conta a situação do veículo, principalmente, no eixo Rio-São Paulo: “Ao longo da década de 1950 o rádio tornou-se um objeto acessível à grande maioria da população, no mesmo momento em que tinha início o processo de lançamento e valorização da televisão no Brasil” (p.8).

No Ceará, as radionovelas ganhavam mais espaço na programação, os jornais associados publicavam anúncios das radionovelas e as grandes atrações musicais que a PRE-9 apresentava. Além disso, a época de ouro do rádio cearense se beneficiou pela chegada da televisão no Brasil, já que a TV Tupi de São Paulo pertencia aos Diários Associados e com a vinda de grandes artistas internacionais para se apresentar na incipiente televisão brasileira ficava mais fácil contratá-los para outros estados:

A Ceará Rádio Clube era uma organização que estava no seu apogeu. Os Diários Associados nunca estiveram tão bem quanto naquela época. Nós estávamos fundando a televisão em São Paulo e no Rio de Janeiro e nós pegávamos aqueles



artistas que vinham para o Sul e que acabavam passando por aqui. Nós apresentamos Xavier Cugat. Era uma orquestra famosíssima! [...] Casino de Sevilla, Augustin Lara. Grandes conjuntos vocais que vieram, que nos visitaram naquela época, inclusive cantores de tangos e cantores de músicas sul-americanas (CAMPOS, 1991, entrevista).

A programação era, prioritariamente, voltada ao entretenimento. Apesar do destaque dos jornais ser maior aos “olimpianos da música” a coluna *Rádio do Correio do Ceará* afirmava que o público apreciava mais as radionovelas:

‘O grande público ainda é das novelas’. Uma frase, mas uma grande verdade. Embora os intelectuais se coloquem numa posição, muitas vezes, de desprezo ao gênero teatral, a verdade é que os ouvintes gostam das novelas... e com os ouvintes é impossível discutir (CORREIO DO CEARÁ, 5 de abril de 1952).

Dirigindo a Ceará Rádio Clube, Eduardo Campos ainda escrevia programas para a emissora e, como tal, sugeria alterações e provocava a inserção de novas produções. *Umuarama*, apresentado em 1952, programa de auditório com prêmios em dinheiro aos ouvintes, foi patrocinado pela Casa Dummar: “E, de boa fé, ninguém poderá dizer que o programa não está alcançando seu objetivo, porque Umuarama marcou uma época em matéria de programas de auditórios” (CORREIO DO CEARÁ, 8 e abril de 1952). Narcélio Limaverde, que atuou na Ceará Rádio Clube, fala sobre o período de direção da PRE-9 de Eduardo:

O Dr. Manuelito também escrevia programas e, além da novelas, além do teatro que era para fora do rádio. Quando eu entrei em 1954 ele ainda escrevia, mas não com a assiduidade anterior, quando ele era apenas diretor artístico da rádio. [...] Ele sempre foi uma pessoa muito aberta e muito ligada a tudo que se relacionava a nossa profissão, ele orientava, dizia como é que deveria ser feito, ele acompanhava toda a nossa luta, o nosso trabalho e participava dela também. (LIMAVERDE N., 2009, entrevista).

O ano de 1955 foi decisivo na trajetória de Eduardo Campos na comunicação radiofônica e, sobretudo, na comunicação cearense devido a sua nomeação à direção dos Diários Associados do Ceará, pois João de Medeiros Calmon passava a ser o diretor nacional do conglomerado e Paulo Cabral de Araújo o diretor na região Nordeste. Desse modo, passou a dirigir os jornais *Correio do Ceará* e *Unitário*, tornando-se o nome mais poderoso da comunicação no Estado. Eduardo Campos tinha a intenção de manter a hegemonia da PRE-9

no rádio cearense. Em 1956, surgia a Rádio Uirapuru com uma proposta inovadora: o radiojornalismo. Carvalho (1979) afirma que a Rádio Uirapuru contava com profissionais de outros estados, e egressos da PRE-9, como José Cabral, irmão de Paulo Cabral e as equipes dos jornais impressos. Por ser a primeira a trabalhar com o radiojornalismo no Estado, a emissora tinha o desafio de adaptar a notícia para o rádio: “A Rádio Uirapuru tratou de, absorvendo a técnica já em voga no Rio e em São Paulo, oferecer dimensões radiofônicas às notícias que passaram, incontinentemente, a evitar adjetivos chocantes” (p.26).

Temendo a concorrência, os Diários Associados inauguraram em 16 de julho de 1956, um mês após a estreia da Uirapuru, a Rádio Verdes Mares, com uma proposta de programação diversificada, música, esporte e notícia. Na entrevista ao jornal Eduardo Campos informava sobre as expectativas dos Diários Associados com a emissora: Pela Ceará Rádio Clube, a todos os seus clientes, a solução está numa outra estação que possa merecer a mesma confiança do público. A Rádio Verdes Mares nasce sob os melhores auspícios. Sem alarde temos já garantidos contratos para todos os seus horários (UNITÁRIO, 17 de junho de 1956).

A audiência da Ceará Rádio Clube ficou abalada quando surgiu a Rádio Dragão do Mar, inaugurada em 23 de março de 1958. Os Diários Associados atentavam para a necessidade de assegurar a liderança da PRE-9 por meio de pesquisas do IBOPE, ressaltando que a emissora era “uma tradição de 24 anos de serviço ao Ceará e ao seu povo” (UNITÁRIO, 23 de outubro de 1958). Entretanto, Carvalho (1979) questiona a credibilidade do instituto, pois exigia pagamento antecipado das emissoras para a realização da pesquisa, enquanto que as emissoras interessadas em boas posições “passaram, simuladamente, a fazer a pesquisa” (p.39).

Como diretor dos Diários Associados, Eduardo Campos acumulava cada vez mais funções. Ao conglomerado também pertencia a primeira emissora de rádio do interior do Ceará, a Rádio Araripe do Crato⁴, o que aniquilava de vez o seu tempo para a produção em rádio. Narcélio Limaverde fala da importância de Eduardo Campos naquele momento: “Teve

⁴A Rádio Araripe do Crato foi inaugurada em 28 de agosto de 1951. A emissora revelou grandes nomes do rádio cearense que depois integraram as emissoras radiofônicas associadas, como Karla Peixoto (radioatriz da Ceará Rádio Clube), Edilmar Norões (locutor esportivo da Rádio Verdes Mares) e Wilson Machado, que dirigiu a emissora e passou a locutor da Rádio Verdes Mares e também da Ceará Rádio Clube, fazendo sucesso no programa Disque M Para Música.

um tempo em que se dizia que ele seria o prefeito ou governador daqui. Mas não quis. Ele não aceitou os convites e as indicações. Um homem simples, competente, amável, bom e acima de tudo, leal” (LIMAVERDE N., 2009, entrevista). Ele também impulsionou a vinda da televisão ao Ceará, comprometendo-se ainda mais com as atividades administrativas do empreendimento. Paulo Limaverde afirma que Eduardo Campos acompanhava a programação do rádio, intervindo na programação, mas que não sobrava mais tempo para produzir:

O Guilherme Neto (diretor artístico da Ceará Rádio Clube na década de 1960) ia diariamente na sala dele, quando ele via alguma coisa que achava que não estava certo ele dizia para o Guilherme, ele não dizia diretamente não. Quando ele encontrava a gente nos corredores, ele dizia: ‘Vi aquele negócio, gostei, viu?’ Ele ouvia. Incrível como é que ele conseguia aquilo! Sabia o que é que estava acontecendo. Ele sabia tudo que estava acontecendo, o que a gente dizia (LIMAVERDE PAULO, 2009, entrevista).

A esta época, o rádio no Ceará já não dava prestígio aos seus comunicadores como nas décadas de 1940, 1950 e 1960. A decadência do veículo, apontada por Ferraretto (2001) compreendeu o período de 1955 a 1970, devido principalmente, ao advento da televisão, embora, no Ceará, o rádio tenha permanecido soberano ainda nos primeiros anos de 1960, período que o público se adaptava à TV e gradativamente comprava os aparelhos da nova mídia. Na década de 1970 começa o período de reestruturação do rádio, devido as transmissões que passaram a funcionar em frequência modulada, caracterizado pela melhor qualidade do áudio e menor alcance. Além disso, essa alteração gerou a segmentação nas emissoras, as FM caracterizadas pela programação musical, enquanto as emissoras em amplitude modulada, concentraram-se no jornalismo, nas coberturas esportivas e prestação de serviço (FERRARETTO, 2001). Assim, o veículo foi perdendo espaço e se adaptando a dividir a audiência e os seus profissionais com a recém chegada TV.

De 1979 a 1983, Eduardo Campos foi Secretário de Cultura, presidiu o Instituto Histórico e Antropológico do Ceará entre de 2003 e 2007 e, sobretudo, dedicou-se às atividades de escritor, com uma profícua publicação : “Ele escrevia muito porque dizia que o tempo era pouco. E lamentava a exiguidade do tempo que tinha pela frente” (CAVALCANTE, 2009, entrevista).



Considerações finais

Sobre a atuação nos últimos anos, Angélica Cavalcante afirma que não se constituía um desejo de Eduardo Campos a adaptação do veículo às novas tecnologias. Entretanto, a emissora adequava-se ao momento atual:

Nós fomos a primeira emissora a operar com programa de computador para rádio AM. Viajei até Natal, pra ver a Rádio Poti pra ver como pra ver como é que se fazia isso. O site da emissora fui eu quem mais lutei. Ele (Eduardo Campos) achava que era uma besteira. Quando viu, ficou entusiasmado. (CAVALCANTE, 2009, entrevista).

Além da gestão da Ceará Rádio Clube, Eduardo Campos fundou o Sindicato das Empresas Proprietárias de Rádio e Televisão de Fortaleza (SINDATEL), e foi um dos fundadores da Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão (ACERT), esta última com uma atuação representativa nos meios de comunicação do Estado.

A atuação no rádio deu notoriedade ao trabalho de Eduardo Campos, ampliada pela direção dos Diários Associados, o conglomerado mais poderoso na área de comunicação no País, durante a sua gestão. No entanto, em razão das múltiplas funções o rádio foi perdendo espaço, a produção foi ficando restrita e o microfone não era mais uma ocupação rotineira. Suas atividades de escritor tomaram fôlego, ficou apenas com o encargo da gestão da Ceará Rádio Clube, que exerceu até a sua morte. Envolveu-se na fundação da associação de radiodifusão, a ACERT, e de um sindicato ligado às causas de empresários de rádio e televisão de Fortaleza e região metropolitana.

Para o presente trabalho, o apoio teórico constituiu a base de entendimento e contextualização das narrativas, além disso, as pesquisas realizadas nos jornais nas décadas de 1940 e 1950 evidenciaram importantes nuances da atuação do nome de Eduardo Campos, como programas e produções para o rádio não lembrados nas falas dos entrevistados, tampouco registradas para as novas gerações.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Roberta Manoela Barros e SILVA, Erolilde Honório. **O rádio do anos cinquenta no Nordeste do Brasil: produtores e ouvintes em perspectiva.** Artigo apresentado no GT de Mídia Sonora no IV Encontro da Rede Alfredo de Carvalho. 2006;
- BORGES, Augusto. **Entrevista.** 06.03.2009;
- CALABRE, Lia. **A era do rádio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002;
- CAMPOS, Eduardo. **Eduardo Campos: o itinerário do escritor.** *CD-Rom*, 2004;
- CAMPOS, Eduardo. **Entrevista.** Arquivo Pesquisa História e Memória da Radiodifusão 08.08.2005;
- CAMPOS, Eduardo. **Entrevista.** Arquivo Glauber Paiva. s/d 1993;
- CAMPOS, Eduardo. **Entrevista.** Programa de História Oral do Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará (NUDOC/UFC). 18.02.1991;
- CAMPOS, Eduardo. **Entrevista.** Programa de História Oral do Núcleo de Documentação Cultural da Universidade Federal do Ceará (NUDOC/UFC). 23.05.2000;
- CAMPOS, Eduardo. **Entrevista.** s/d;
- CARLOS, Maria: **Eduardo Campos: vida e arte.** Cordel. s/d;
- CARVALHO, Cid. **O rádio cearense.** In: **Revista de Comunicação Social.** Fortaleza: Departamento de Comunicação Social e Biblioteconomia do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, 1979;
- CAVALCANTE, Angélica. **Entrevista.** 19.02.2009;
- DUMMAR FILHO, João. **João Dummar, um pioneiro do rádio.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004;
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** 2ª edição. Porto Alegre: Editora Sagra Luzatto, 2001;
- LIMAVERDE, Narcélio. **Entrevista.** 08.05.2009;
- LIMAVERDE, Paulo. **Entrevista.** 12.05.2009;
- LOPES, Marciano. **Coisas que o tempo levou: a era do rádio no Ceará.** Fortaleza: Gráfica VT, 1994;
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose (O espírito do tempo I).** Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 5ª ed., Forense-Universitária, Rio de Janeiro: 1981;

